

*Research Brief 2022*

# AJUDA ALIMENTAR EM PORTUGAL

AS INICIATIVAS E OS SEUS ATORES

*Fábio Rafael Augusto*

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	2
METODOLOGIA .....	3
CARACTERIZAÇÃO DAS INICIATIVAS ANALISADAS .....	3
CONCEITOS-CHAVE .....	4
CONTEXTO – O QUE (NÃO) SABEMOS SOBRE AJUDA ALIMENTAR? .....	5
PRINCIPAIS RESULTADOS E RECOMENDAÇÕES .....	6
1. OS PROCESSOS DE INTEGRAÇÃO E ADAPTAÇÃO .....	6
2. DINÂMICAS RELACIONAIS .....	7
3. DINÂMICAS ORGANIZACIONAIS .....	8
ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS ...	11
REFERÊNCIAS .....	11

### FINANCIAMENTO:

A pesquisa desenvolvida contou com o apoio do European Research Council no âmbito do European Union's Seventh Framework Programme (FP7/2007-2013)/ERC grant agreement nº 337977, e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através da concessão de uma bolsa de doutoramento (SFRH/BD/130072/2017 e COVID/BD/152385/2022), financiada por fundos nacionais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

## INTRODUÇÃO

O aumento do número de pedidos de ajuda alimentar, bem como o crescimento, expansão e consolidação das iniciativas a atuar no sector, têm gerado debate sobre o lugar ocupado por estas organizações e o papel que desempenham. Em Portugal, um pouco à semelhança do que acontece no contexto europeu, têm-se verificado processos de crescente responsabilização moral da sociedade civil em matéria de ajuda alimentar. O Estado Social tem delegado nestas entidades parte das suas funções e há críticas apontadas na literatura científica acerca das iniciativas de apoio alimentar que incorrem no risco de desconsiderar qualquer valor social positivo associado a estas organizações. Isto contribui ativamente para a ausência deste tipo de estratégias de atuação e para a promoção de vazios interventivos sem que existam alternativas funcionais. Face à previsível continuidade e permanência deste tipo de respostas, é importante conhecer as mesmas de forma compreensiva e procurar perceber como elas podem ir ao encontro das necessidades dos seus atores.

Este research brief baseia-se em resultados da investigação realizada no âmbito do projeto de doutoramento intitulado “Para além da alimentação: iniciativas de apoio alimentar, atores e dinâmicas”. A nível teórico-conceptual, a pesquisa procurou contribuir para a compreensão do papel social desempenhado pelas iniciativas de apoio alimentar. A nível prático, visou a identificação das mais-valias e fragilidades associadas às organizações analisadas (Organização de Redistribuição de Alimentos - ORA, Cantina Social e Mercearia Social), bem como a conceção de um conjunto de recomendações que procuram encurtar a distância entre o papel social idealizado e o papel social testemunhado pelos atores destas respostas (responsáveis, voluntários e beneficiários). Tais recomendações encontram-se estruturadas em torno dos três eixos analíticos que orientaram a pesquisa: i) os processos de integração e adaptação; ii) dinâmicas relacionais; e iii) dinâmicas organizacionais. Elas destinam-se, sobretudo, a decisores políticos e a membros dos corpos dirigentes de iniciativas de apoio alimentar a atuar no território nacional. Considera-se que estes atores podem marcar a diferença através da aplicação de múltiplas medidas, quer a nível político, quer a nível de intervenção social.

## METODOLOGIA

Para a concretização dos objetivos enunciados, assumiu-se uma abordagem qualitativa comparativa de carácter etnográfico institucional que se desdobrou em duas fases. A primeira fase assentou no recurso à observação participante, durante aproximadamente 1 ano. Nesta fase, o investigador tornou-se também voluntário das três organizações em estudo e observou tanto os processos como as dinâmicas sociais previamente referidas. A segunda fase incidiu na realização de 39 entrevistas semiestruturadas aos responsáveis (1 em cada organização), voluntários (6 em cada organização) e beneficiários (6 em cada organização). A seleção destes atores deveu-se, essencialmente, à centralidade que assumiam nas respostas no que toca à manutenção e continuidade das mesmas e à possibilidade de integrar na pesquisa diferentes perspetivas e posicionamentos. A escolha da ORA, da Cantina e da mercearia Social recaiu sobre o facto das mesmas: i) representarem importantes modelos de ajuda alimentar a atuar em Portugal; ii) encontrarem-se em diferentes fases de desenvolvimento; iii) articularem-se com entidades-chave no seu sector de atuação (ex.: Banco Alimentar e Igreja Católica); e iv) lidarem diretamente com beneficiários. De forma a fazer cumprir os requisitos éticos que caracterizaram a pesquisa, tanto os atores como as organizações selecionadas foram alvo de um processo de anonimização.

## CARACTERIZAÇÃO DAS INICIATIVAS ANALISADAS:

**ORA** - surge no início dos anos 2000 e procura combater, simultaneamente, a pobreza e o desperdício alimentar. Atua com base na recolha de refeições e alimentos, que seriam desperdiçados, junto de superfícies comerciais do sector agroalimentar (ex.: restaurantes, supermercados e cafés). Posteriormente, dá-se um processo de preparação e embalamento dos produtos de forma que possam ser distribuídos por aqueles que mais precisam (ex.: sem-abrigo e indivíduos/famílias com baixos rendimentos).

**Cantina Social** - surge nos anos 90 com o intuito de ajudar os sem-abrigo da região. O tipo de apoio prestado centra-se na disponibilização de um espaço e de todas as condições logísticas (ex.: mesas, cadeiras, talheres, pratos e copos) necessárias para que os beneficiários possam ter acesso a quatro refeições diárias.

**Mercearia Social** - surge no início dos anos 2000 com o objetivo de ajudar os mais desfavorecidos. Procura replicar as habituais dinâmicas de compra e venda de produtos, garantindo a autonomia dos beneficiários. Assemelha-se a uma mercearia no sentido tradicional do termo, mas funciona por intermédio de um sistema de créditos. Cada família recebe, no início de cada mês, um número fixo de créditos que pode trocar pelos bens alimentares de que necessita, realizando depois a gestão que bem entender.

Tabela 1: CARACTERIZAÇÃO DAS INICIATIVAS

INICIATIVA	VOLUNTÁRIOS	BENEFICIÁRIOS	REFEIÇÕES SERVIDAS
ORA	193	1225	2103 p/ mês
CANTINA SOCIAL	18	28	112 p/ dia
MERCEARIA SOCIAL	17	150	Sem dados

Nota: Estes dados foram reportados pelos responsáveis das iniciativas, sendo estimativas (2018).

Fonte: Elaboração própria.

## CONCEITOS-CHAVE

**FOME:** Segundo a FAO, ocorre sempre que existem “situações de intensa privação de alimentos relativamente a diversas formas de desnutrição, entre elas as devidas a um acesso limitado à quantidade suficiente de alimentos e a um déficit de nutrientes essenciais presentes nos alimentos necessários desde o ponto de vista nutricional, o que se repercute nas faculdades físicas e mentais da pessoa ou pessoas afetadas”.

**POBREZA ALIMENTAR:** De acordo com Dowler, Turner e Dobson refere-se à “incapacidade de adquirir ou consumir a qualidade adequada ou a quantidade suficiente de bens alimentares de forma socialmente aceitável, ou a incerteza em relação ao cumprimento destas condições”.

**INSEGURANÇA ALIMENTAR:** Segundo a FAO, trata-se de “uma situação que existe quando as pessoas não têm acesso estável a quantidades suficientes de alimentos seguros e nutritivos para o crescimento e o desenvolvimento normais e uma vida ativa saudável. Esta situação pode ser causada pela falta de disponibilidade de alimentos, insuficiente poder de

compra ou distribuição inadequada, bem como pelo uso desapropriado dos alimentos a nível doméstico”.

**AJUDA ALIMENTAR:** termo que envolve um alargado leque de serviços que procuram garantir o acesso a bens alimentares a pessoas socialmente vulneráveis visando, assim, aliviar os sintomas da fome, pobreza e insegurança alimentar. No âmbito deste apoio inserem-se, por um lado, os programas e as respostas provenientes do Estado e, por outro, as iniciativas que advêm da sociedade civil, podendo, eventualmente, existir articulações entre ambos.

**INICIATIVAS DE APOIO ALIMENTAR:** estruturas organizacionais formais que se caracterizam, habitualmente, por: i) possuírem uma presença material, legal e mediática; ii) assentarem em trabalho voluntário; e iii) agregarem um conjunto de esforços concertados, por parte da sociedade civil, com o intuito de colmatar necessidades alimentares, mais ou menos, imediatas e urgentes de pessoas socialmente vulneráveis.

## ALGUNS DADOS ESTATÍSTICOS RELEVANTES

### Dados relativos a 2019...

**1.** apontavam para a existência de cerca de 690 milhões de pessoas, em todo o mundo, a passar **fome** – afetando 8,9% da população mundial.

Portugal segue a tendência dos países da Europa do Sul e apresenta uma taxa abaixo dos 2,5%.

**2.** estimavam que cerca de 2 biliões de pessoas, em todo o mundo, se encontravam numa situação de **insegurança alimentar** – afetando 25,5% da população mundial.

Portugal surge como o sexto país, no contexto europeu, onde o fenómeno assume maior expressão, abrangendo 10,6% da população.

**3.** indicavam que 5,6% dos cidadãos europeus (UE27) enfrentavam privações materiais severas, constituindo este um forte indicador da presença expressiva de **pobreza alimentar**.

A média europeia para a taxa de privação material severa coincide com o valor alcançado no contexto nacional para o ano de referência.

**4.** davam a conhecer um aumento do número de **pedidos de ajuda alimentar**, passando de 6,6 milhões de pessoas, em 2017, para 9,5 milhões, em 2019, a ser apoiadas pela rede de Bancos Alimentares Europeus.

O Banco Alimentar Português assistiu, no referido ano, cerca de 400 mil pessoas.

Fontes utilizadas: EU-SILC 2020; FAO et al. 2020; FEBA 2015, 2018, 2020.

## CONTEXTO – O QUE (NÃO) SABEMOS SOBRE AJUDA ALIMENTAR?

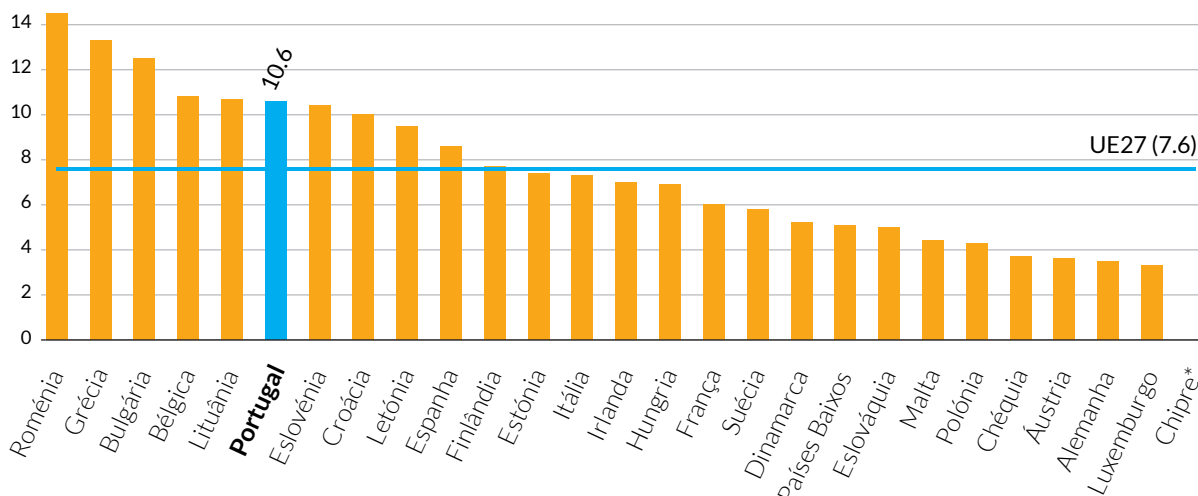
O universo da ajuda alimentar é vasto e engloba múltiplos atores, entidades e arranjos institucionais. No âmbito do mesmo, inserem-se as iniciativas de apoio alimentar e, portanto, as várias organizações, geralmente, provenientes da sociedade civil e assentes em trabalho voluntário, que visam garantir o acesso alimentar aos mais carenciados. Estas respostas envolvem, habitualmente, a doação de alimentos sob as mais variadas formas (i.e., seja em vale, produtos ou refeições confeccionadas). Os seus stocks podem advir de produtores (ex.: agricultores locais), de distribuidores (ex.: supermercados), de espaços de consumo (ex.: restaurantes) ou de organizações parceiras (ex.: Banco Alimentar). Trata-se de iniciativas que podem assumir diversos formatos e modelos organizacionais, variando, essencialmente, em termos ideológicos e funcionais.

Apesar do crescimento e expansão das iniciativas de apoio alimentar e da centralidade que elas assumem, sobretudo, em contextos de crise, trata-se de respostas que podem gerar controvérsias. O lugar ocupado por estas organizações é pautado por múltiplas indefinições. Têm-se discutido, largamente, aspetos relacionados com o impacto, a eficácia, o

funcionamento, a adequação do tipo de apoio prestado e questões éticas associadas à preservação da dignidade humana. Tais questões têm fomentado a existência de posturas díspares em relação ao que estas respostas sociais representam ou deveriam (idealmente) representar. Apesar desta disparidade, verifica-se uma certa tendência na literatura científica para dar a conhecer as ineficiências de carácter, mais ou menos, estrutural que caracterizam estas respostas e até potenciais efeitos perversos provocados pelas mesmas. A este respeito, têm-se destacado processos de desresponsabilização dos Estados Sociais e a conseqüente apologia de lógicas neoliberais. Ainda que válidas, tais críticas podem, por seu lado, gerar ‘políticas de abandono’, isto é, ao atestarem a ineficiência crónica das organizações em causa e ao lhes atribuírem um valor social negativo ou nulo, tais perspetivas podem contribuir ativamente para desencorajar a aposta nestas iniciativas sem que existam, no entanto, alternativas funcionais.

Acredita-se que as várias indefinições em torno do papel social desempenhado pelas iniciativas de apoio alimentar advenham do carácter parcelar e disperso dos estudos

Figura 1: PREVALÊNCIA DA INSEGURANÇA ALIMENTAR NA UE27 | 2017-2019 (%)



\* Nota: Na fonte consultada, não existem dados relativos à prevalência da insegurança alimentar no Chipre.

Fonte: Elaboração própria com base em dados da FAO et al. 2020

conduzidos, tanto a nível nacional como internacional. Escasseiam pesquisas sistemáticas e comparativas que permitam realizar um mapeamento das várias organizações a atuar no terreno e conhecer as suas dinâmicas evolutivas. Encontra-se ainda por explorar a heterogeneidade que caracteriza as diferentes iniciativas e as perspetivas dos vários atores que as compõem. A literatura tende a focar-se em es-

tudos de caso e a dar voz a um número reduzido de intervenientes, centrando-se sobretudo sobre os beneficiários e/ou os voluntários. Além disso, a avaliação que é feita das iniciativas analisadas tende a incidir única e exclusivamente sobre questões alimentares, deixando de fora outros elementos caracterizadores, como o apoio emocional.

## PRINCIPAIS RESULTADOS E RECOMENDAÇÕES

### 1. OS PROCESSOS DE INTEGRAÇÃO E ADAPTAÇÃO

A análise dos processos de integração e adaptação em contexto de ajuda alimentar permite compreender como os atores são inseridos/enquadrados nas organizações e a forma como percebem as mesmas ao longo do tempo. De forma geral e indo ao encontro da literatura mobilizada, os principais resultados apontam para a existência de primeiros contactos desafiantes para os beneficiários, onde emergem sentimentos e emoções negativas como a revolta, raiva, vergonha, humilhação e receio de julgamentos. Com o passar do tempo, tende a dar-se um processo de naturalização e estes atores passam a relativizar a ida às organizações.

*Ao princípio fiquei um bocado constrangido porque não estava habituado, foi a primeira vez na minha vida que tive que recorrer a um apoio destes. Agora já estou habituado, agora já não sinto constrangimento absolutamente nenhum*  
(Entrevista 7\_Beneficiário\_Cantina).

A disrupção nas rotinas dos beneficiários foi mais visível no contexto da Cantina Social, por esta implicar um contacto mais prolongado. No caso dos voluntários, os processos de integração e adaptação são consideravelmente mais fluidos e tranquilos, devido, sobretudo, à autonomia destes atores para tomar decisões sobre a sua experiência de voluntariado.

Apesar da existência de processos de integração formais nos vários contextos organizacionais analisados, denotou-se que os mesmos são claramente insuficientes. Tanto voluntários como beneficiários recorrem a lógicas de aprendizagem informais (i.e., tirar dúvidas junto de membros

mais experientes e/ou replicar as ações dos mesmos) para colmatar as várias lacunas deixadas pelas organizações em termos formativos.

*Lembro-me bem da primeira vez, para mim foi um bocadinho estranho. Não sabia o que podia ou não podia levar, nem sabia a quem perguntar nem como fazer. Na altura, deram-me indicações muito gerais. O que me valeu foi um beneficiário mais velho que me ajudou a perceber como as coisas funcionavam*

(Entrevista 14\_Beneficiária\_Mercearia).

A gestão da alimentação por parte dos beneficiários é marcada pelo recurso a várias fontes de alimentos, seja através de rendimentos próprios e/ou da ajuda de amigos e/ou familiares. Também o modus operandi da iniciativa analisada marca decisivamente a gestão que é feita da alimentação. Enquanto a ORA e a Cantina providenciavam refeições quentes, a Mercearia disponibilizava os produtos necessários para a confeção das mesmas. Isto conduzia, naturalmente, a que os beneficiários tivessem que se adaptar, em termos de recursos e competências, à organização que os apoiava.

*Sim, tenho familiares que me dão o almoço ao fim de semana [...] Na iniciativa não nos dão comida ao fim-de-semana, se não fosse a minha família, não sei o que seria de mim*

(Entrevista 3\_Beneficiário\_ORA).

Entre as várias estratégias adaptativas mobilizadas pelos beneficiários para mitigar desafios relacionados com a qualidade, quantidade e variedade dos bens alimentares doados pelas organizações, destacam-se: i) a utilização de terrenos de cultivo próprios ou de terceiros; ii) o reaproveitamento de sobras para confeccionar outras refeições; e iii) a troca de bens alimentares com outros beneficiários.

*“ Às vezes aparece o arroz de polvo, que eu ainda por cima não sou fã, normalmente, o que faço é: troco com um amigo meu que é fã disso [...] Fazemos um bocado uma sociedade de troca e evitamos o desperdício, porque eu não vou deitar comida fora ”*

(Entrevista 8\_Beneficiário\_Cantina).

Diversos beneficiários entrevistados já se encontravam numa situação de pobreza antes de contactarem com a organização analisada. Nestes casos, apenas se deram processos de (re)adaptação de estratégias adaptativas já mobilizadas face ao novo contexto organizacional.

## RECOMENDAÇÕES

- Incentivar o desenvolvimento de competências ligadas às práticas de cultivo e confeção de bens alimentares, garantindo os recursos para tal (ex.: criar mais hortas comunitárias);
- Dar a conhecer o mapa da ajuda alimentar e as especificidades das organizações que o compõem a potenciais voluntários e beneficiários, promovendo decisões informadas (ex.: disponibilizar documentos informativos sobre as várias iniciativas);
- Criar, junto das organizações, guias de acolhimento e integração claros.

## 2. DINÂMICAS RELACIONAIS

A análise dos relacionamentos que se estabelecem em contexto de ajuda alimentar é decisiva para compreender o modo como os atores percecionam as organizações e as constroem socialmente. Em traços gerais, tanto beneficiários como voluntários das várias iniciativas analisadas reconheceram a existência de bons ambientes relacionais. A este respeito, foi possível identificar, por um lado, a presença de fortes laços afetivos e, por outro lado, a manifestação de práticas de cuidado ‘veladas’ e ‘improvisadas’. A equiparação dos vínculos estabelecidos a laços familiares surgiu recorrentemente e deu algum sentido e significados aos conceitos de ‘famílias simbólicas’ e ‘famílias descartáveis’.

*“ A D. Justa para mim é como uma mãe, gosto muito da D. Justa. Já a conheço há muitos anos e nunca tive problemas com ela, gosto mesmo dela ”* (Entrevista 13\_Beneficiária\_Mercearia).

Acredita-se que na base destas ‘famílias’ unidas pelo simbolismo das práticas e de carácter ‘descartável’ pela brevidade temporal que podem assumir, encontram-se várias carências afetivas dos beneficiários e uma grande disponibilidade por parte dos voluntários para prestar, não só, apoio alimentar como também emocional. Associadas a estas relações, encontra-se um vasto leque de práticas de cuidado que procuram promover o bem-estar dos beneficiários e que não são, habitualmente, contempladas pelas organizações, ocorrendo à margem das mesmas.

*“ Eles [voluntários] fazem coisas por fora, só para me poderem ajudar. Por exemplo, eu não tinha fogão, eles juntaram-se todos e ofereceram-me um fogão. Têm sido impecáveis comigo. Há pouco tempo deram-me uma máquina de barbear. ”* (Entrevista 15\_Beneficiário\_Mercearia).

As principais práticas de cuidado identificadas relacionavam-se com: i) a realização de favores; ii) o fornecimento de apoio emocional; e iii) a doação de bens, recursos e equipamentos. Na ORA e na Cantina, estas práticas tendiam a ocorrer fora das organizações (ex.: ir tomar café). Por sua vez, na Cantina elas tomavam lugar na própria iniciativa (ex.: baby-

sitting). Destaca-se também o facto de algumas destas práticas estarem inscritas na ideologia cristã católica.

Apesar dos fortes vínculos afetivos, foram também reconhecidos diversos desafios relacionais. Na génese dos mesmos, encontravam-se: i) a elevada rotatividade dos voluntários; ii) a falta de formação dos mesmos; iii) críticas dirigidas à comida doada; iv) a inexistência de limitações em termos de atendimento; v) a coexistência de vários tipos de beneficiários; e vi) as longas filas de espera. A ORA surgiu como a iniciativa onde foram identificados um maior número de tensões e conflitos por parte dos seus atores. Tal devia-se a alguma desorganização interna (ex.: problemas de comunicação entre voluntários) e às características do próprio espaço onde a iniciativa operava (ex.: ausência de local de acolhimento).

*“É um desafio, mas acho que se vai aprendendo com o tempo também. Quando os beneficiários me perguntam se podem receber certos produtos ou mais quantidade eu tenho de estar sempre a questionar os outros voluntários: posso trocar? posso dar isto? posso dar aquilo? Eu ainda não sei e vou aprendendo, mas é chato ocupar mais tempo e deixar os outros à espera”*  
(Entrevista 3\_Voluntária\_ORA).

Foram também identificados conflitos que advinham de intensas negociações em torno dos alimentos doados, da presença de beneficiários com dependências e/ou com problemas do foro psicológico e da ideia de que existiam certos beneficiários que eram favorecidos em relação aos restantes.

*“Deixe cá ver se eu me lembro, foi um [beneficiário] que vinha alcoolizado e vomitou aqui tudo. Pois, ele já não vinha bem, depois começou a comer e foi uma cena desagradável [...] Até se tornam um bocadinho agressivos”*  
(Entrevista 12\_Voluntária\_Cantina).

Alguns beneficiários mostraram-se gratos pelo apoio recebido e manifestaram a intenção de retribuir ou sinalizaram ações que assentavam sobre essa motivação. No entanto, um número bastante expressivo de beneficiários recusou a ideia

de dívida e racionalizou a doação como uma obrigação ou direito, de forma a evitar a necessidade de retribuição. Isto pode ser explicado pela recusa em ingressar numa espécie de mecanismo (re)produtor de desigualdades sociais.

## RECOMENDAÇÕES

- Evitar uma rotatividade elevada dos voluntários nas iniciativas de apoio alimentar, sobretudo, em termos de atendimento;
- Formar os voluntários, especialmente aqueles que realizam atendimento, para o contacto com populações vulneráveis;
- Incentivar a delegação de competências/responsabilidades entre voluntários de forma a facilitar processos de substituição;
- Introduzir nas iniciativas técnicos especializados no acompanhamento dos vários atores que as compõem, atuando, sobretudo na resolução de tensões e conflitos.

## 3. DINÂMICAS ORGANIZACIONAIS

O papel social desempenhado pelas iniciativas de apoio alimentar é profundamente marcado pelo ambiente organizacional que as mesmas promovem. Desta forma, é crucial olhar para estas organizações, simultaneamente, como entidades que são (re)construídas socialmente pelos seus atores e como entidades independentes que possuem elementos caracterizadores próprios (i.e., em termos de presença material, mediática e legal). Os dados recolhidos apontam para elevados níveis de desconhecimento dos voluntários e beneficiários entrevistados em relação a elementos ligados à identidade e cultura organizacional, conforme definidos formalmente pelos fundadores/corpos dirigentes. Tal fragiliza o sentimento de pertença às iniciativas e promove um maior distanciamento afetivo em relação a elas.

*Honestamente, nunca questioneei sobre isso [missão, visão, valores e objetivos da organização]. Bom, eu acho que é ajudar e tentar também dar talvez uma nova oportunidade às pessoas* (Entrevista 8\_Voluntário\_Cantina).

Os principais desafios organizacionais identificados pelos responsáveis das iniciativas analisadas deram a conhecer: i) dificuldades na criação de parcerias e no acesso a fontes de financiamento; ii) constrangimentos relacionados com a

gestão do espaço e de stocks; iii) problemas derivados da ausência de um Estado Social interventivo; e iv) complicações resultantes da escassez de recursos para a realização de uma avaliação sistemática e objetiva das atividades e serviços prestados.

Apesar de tanto os voluntários como os beneficiários avaliarem de forma positiva as suas iniciativas, foram apontados múltiplos problemas, sobretudo, de carácter operacional. As várias sugestões de melhoria e os impactos percecionados acabaram por reforçar esta tendência, como se pode ver na figura que se segue.

Figura 2: SUGESTÕES DE MELHORIA IDENTIFICADAS PELOS ENTREVISTADOS

	BENEFICIÁRIOS	BENEFICIÁRIOS VOLUNTÁRIOS	VOLUNTÁRIOS
OPERACIONAIS	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ INFORMATIZAÇÃO</li> <li>+ FISCALIZAÇÃO</li> <li>+ DIVERSIDADE DE SERVIÇOS</li> <li>+ RECURSOS FÍSICOS</li> <li>- BUROCRACIA</li> <li>- TEMPO DE ATENDIMENTO</li> <li>- ROTATIVIDADE DE VOLUNTÁRIOS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ PARCERIAS</li> <li>+ APOIOS FINANCEIROS</li> <li>+ CRITÉRIOS DE SELECÇÃO</li> <li>+ HORÁRIOS DE ATENDIMENTO</li> <li>+ FORMAÇÃO</li> <li>+ ESPAÇOS FÍSICOS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ RECOLHAS DE BENS</li> <li>+ PRIVACIDADE</li> <li>+ RESPOSTAS A LONGO PRAZO</li> <li>+ VOLUNTÁRIOS</li> <li>+ FORMAÇÃO/EDUCAÇÃO ALIMENTAR</li> </ul>
RELACIONAIS	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ MOMENTOS DE CONVÍVIO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ FLUXOS DE INFORMAÇÃO/ COMUNICAÇÃO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ ADEQUAÇÃO DOS RH ÀS FUNÇÕES</li> </ul>
ALIMENTARES	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ ADEQUAÇÃO NA DISTRIBUIÇÃO DE BENS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ OPTIMIZAR DOAÇÕES</li> <li>+ OPTIMIZAR DISTRIBUIÇÃO</li> </ul>	

Fonte: Elaboração própria

Os referidos atores tenderam a enaltecer pela positiva, essencialmente, aspetos de ordem relacional. Acredita-se que a valorização dos mesmos possa assentar em mecanismos compensatórios, isto é, perante a ausência de um serviço de qualidade, os atores enaltecem os aspetos positivos possíveis, como as interações estabelecidas e o ambiente relacional gerado. Ganha desta forma destaque o simbolismo das práticas de cuidado que ultrapassam as questões alimentares e que possibilitam, em certa medida, ‘camuflar’ alguns problemas graves associados aos serviços formais prestados.

Relativamente ao futuro, foi possível identificar três tendências distintas junto dos beneficiários entrevistados, nomeadamente: i) aqueles que tinham traçado um plano

claro e objetivo que lhes permitiria sair da iniciativa; ii) aqueles que apenas sonhavam com tal possibilidade, não tendo traçado nenhum tipo de objetivos e metas; e iii) aqueles que se tinham conformado com a sua situação e que acreditavam que iriam permanecer na iniciativa.

*Não, as minhas dívidas vão acabar, são mais quatro ou cinco anos e depois eu vou sair, ou talvez até antes. Até pode ser que o Estado dê um apoio, um benefício para pagar as minhas dívidas* (Entrevista 3\_Beneficiário\_ORA).

*Não sei o que é que o futuro me reserva, portanto, o dia de amanhã a Deus pertence. É assim, se uma pessoa tem um emprego automaticamente já não precisamos destes serviços. Se eu estou a trabalhar, no final do mês recebo e a partir do dia tal já não venho mais porque arranji trabalho [...] dou o meu prato a outra pessoa que precisa*

(Entrevista 12\_Beneficiária\_Cantina).

*Eu vou continuar e não me importo. Se a doutora [responsável] deixar, eu continuo*

(Entrevista 10\_Beneficiária\_Cantina).

Em relação aos voluntários, também foi possível identificar diferentes tendências discursivas, destacando-se, no entanto, a vontade manifestada por alguns entrevistados em experienciar diferentes contextos organizacionais e modalidades de voluntariado.

*Vejo-me a continuar o voluntariado, mas pode ser noutras instituições ou em outras áreas. É assim, se pudesse continuar, continuaria, mas lá está, se o meu trabalho for exigente ou não for próximo, ou em termos de horários for incompatível, o que é que posso fazer? Posso arranjar outras instituições que me dêem mais jeito. Não me importo nada de mudar, até faz bem* (Entrevista 4\_Voluntário\_ORA).

## RECOMENDAÇÕES

- Promover o diálogo próximo e uma articulação sistemática entre as várias iniciativas de apoio alimentar (ex.: promover reuniões entre membros pertencentes a corpos dirigentes);
- Integrar as iniciativas em estratégias de longo-prazo que englobem outros domínios (i.e., habitação, saúde, emprego, energia);
- Garantir às iniciativas espaços adequados ao seu modus operandi com um local de acolhimento hospitaleiro;
- Criar, junto das organizações, guias de acolhimento focados nos aspetos de ordem prática e processual, mas também nos elementos identitários caracterizadores das iniciativas (ex.: história, visão e missão);
- Introduzir nas iniciativas nutricionistas capazes de auxiliar na organização das refeições e em termos formativos (ex.: workshops);
- Agilizar os processos de contabilização dos fluxos de produtos e atores que compõem as iniciativas de forma a promover uma avaliação sistemática e objetiva das atividades e serviços prestados;
- Fornecer sistemas de gestão informatizados às iniciativas e a devida formação para a utilização correta dos mesmos;
- Flexibilizar os horários de atendimento das iniciativas, sobretudo, para os beneficiários que desempenham atividades profissionais ou que possuem crianças a seu encargo;
- Complementar os stocks das iniciativas sempre que os mesmos apresentam alguma quebra significativa.

## ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

O presente research brief visa contribuir para encurtar a distância entre o papel social idealizado e o papel social testemunhado pelos vários atores das iniciativas de apoio alimentar analisadas. Apesar das várias informações disponibilizadas estarem associadas a contextos organizacionais específicos, acredita-se que as mesmas possam ser aplicadas a outras iniciativas e modelos de ajuda alimentar.

O caminho a percorrer em termos de ajuda alimentar é longo e as pistas e recomendações aqui lançadas constituem apenas um pequeno passo. Os problemas complexos e estruturais da fome, pobreza e insegurança alimentar requerem estratégias abrangentes, integradoras e de longo prazo. Face à ausência destas estratégias e perante a necessidade de garantir uma primeira linha de resposta, torna-se crucial dotar as iniciativas de apoio alimentar de todos os meios, recursos e competências necessários para que possam prestar um serviço de qualidade que vá ao encontro das necessidades dos seus atores.



## REFERÊNCIAS

Dowler, Elizabeth, Sheila Turner, e Barbara Dobson. 2001. *Poverty Bites: Food, Health and Poor Families*. London: Child Poverty Action Group.

EU-SILC. 2020. «Material deprivation statistics - early results». Eurostat - Statistics Explained. 2020. <https://bit.ly/3sYB51Z>.

FAO. 2001. «The State of Food Insecurity in the World 2001». 2001. [goo.gl/24mqNv](http://goo.gl/24mqNv).

—. 2014. «Avaliação do direito à alimentação». Cadernos de trabalho sobre o direito à alimentação. Madrid, Espanha. <https://bit.ly/34VfwVj>.

FAO, IFAD, UNICEF, WFP, e WHO. 2020. *The State of Food Security and Nutrition in the World 2020. Transforming food systems for affordable healthy diets*. Rome: FAO.

FEBA. 2015. «Pessoas assistidas». 2015. [goo.gl/S92Zj9](http://goo.gl/S92Zj9).

—. 2018. «FEBA Annual Report 2017». Brussels. <https://www.eurofoodbank.org/en/2017>.

—. 2020. «FEBA Annual Report 2019». Brussels. <https://www.eurofoodbank.org/en/2019>.

# OBSERVATÓRIO DE AMBIENTE, TERRITÓRIO E SOCIEDADE

O OBSERVA – Observatório de Ambiente, Território e Sociedade é um observatório do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa), que promove a disseminação de informação sobre a componente social das questões ambientais e do território. A missão do OBSERVA é o conhecimento das relações entre sociedade, ambiente e território. Analisa-se tanto os fenómenos sociais que resultam ou são influenciados por questões ambientais e territoriais, como o modo como as próprias condições ambientais e territoriais são modificadas por fenómenos de natureza social. Além da divulgação destes projetos, o observatório mantém uma base de dados sobre temas de ambiente. São ainda parte da atividade do OBSERVA a publicação de estudos, o fornecimento de informação útil à definição de políticas e a divulgação de conhecimento sobre ambiente, território e sociedade ao público em geral.

[observa.ics.ulisboa.pt](http://observa.ics.ulisboa.pt)

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UIDP/50013/2020, UIDB/50013/2020 e LA/P/0051/2020

ISBN: 978-972-671-731-7